

# A Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal: formação pela práxis

The School of Political Theater and Popular Video of Federal District: formation by praxis

*Rafael Litvin Villas Bôas*<sup>1</sup>

*Viviane Cristina Pinto*<sup>2</sup>

*Simone Menezes Rosa*<sup>3</sup>

## Resumo

O artigo tem como objetivo apresentar os pressupostos teóricos, estéticos e políticos da pedagogia das artes cênicas da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal. O trabalho considera a inserção, desde a origem, da ETPVP-DF na Rede Internacional Teatro e Sociedade e analisa o desenvolvimento do primeiro módulo de formação, com ênfase na linguagem teatral. Também faz parte da reflexão proposta a dinâmica da pedagogia da alternância, contemplando as ações desenvolvidas na primeira etapa de Tempo Comunidade.

**Palavras-chave:** Teatro político; Teatro do Oprimido; agitação e propaganda; Pedagogia do Oprimido

## Abstract

The article aims to present the theoretical, aesthetic and political presuppositions of the performing arts pedagogy of the School of Political Theater and Popular Video of the Federal District, Brazil. The work considers the insertion, from the origin, of the ETPVP-DF in the International Network Theater and Society and analyzes the development of the first module of formation, with emphasis on the theatrical language. Also part of the proposed reflection is the dynamics of the pedagogy of alternation, contemplating the actions developed in the first stage of Community Time.

**Keywords:** Political theater; Theater of the Oppressed; agitation and propaganda; Pedagogy of the Oppressed

E-ISSN: 2358.6958

---

<sup>1</sup> Professor Doutor, Faculdade UnB Planaltina, do Mestrado Profissional em Artes da UnB e do Mestrado em Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe da Unesp. [rafaellvboas@gmail.com](mailto:rafaellvboas@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Estudos Culturais (EACH/USP). É educadora coordenadora do Programa Educativo do Centro Cultural Banco do Brasil do Distrito Federal. [vivipolcult@gmail.com](mailto:vivipolcult@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Artes pelo PROFARTES; professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. [sissi.rosa07@gmail.com](mailto:sissi.rosa07@gmail.com)

## O que é e por que surgiu a ETPVP-DF

A Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal (ETPVP-DF) é uma ação que integra a Rede Internacional Teatro e Sociedade, que desde 2013 reúne grupos de pesquisa, coletivos de teatro e de vídeo popular e movimentos sociais do Brasil, Argentina e Uruguai. Dos encontros da Rede, dos intercâmbios gerados e da socialização de trabalhos – sobretudo, a partir do compartilhamento da experiência da Escola de Teatro Político de Buenos Aires – surgiu a possibilidade de criação de Escolas de Teatro Político no Brasil.

Em abril de 2017 surgiu a Escola de Teatro Popular do Rio de Janeiro e em agosto de 2017 a Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal. A ETPVP-DF surge como um projeto de extensão ligado à Faculdade UnB Planaltina, proposto pelo Coletivo Terra em Cena em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Levante Popular da Juventude e o Coletivo de Cinema da Ceilândia (Ceicine). Coletivo e movimentos estes que compõem a coordenação político pedagógica da Escola, que por sua vez, funciona na Casa da Cultura da América Latina (CAL), um espaço cultural vinculado à Universidade de Brasília, localizado próximo à rodoviária do plano piloto.

A ETPVP-DF possui três módulos sequenciais, sendo um por semestre, totalizando um ano e meio de curso, com carga horária de trezentas horas divididas entre Tempo Escola (encontros presenciais) e Tempo Comunidade (atividades formativas e práticas descentralizadas, realizadas nas regiões administrativas do DF e entorno). Suas atividades são voltadas para militantes de movimentos sociais e culturais, urbanos e do campo, bem como professores da rede pública, grupos e coletivos de cultura, membros de associações comunitárias e sindicais de diversas localidades do DF e Entorno.

Além de fortalecer o processo de formação política por meio das linguagens teatral e audiovisual o objetivo da Escola é formar multiplicadores nessas linguagens através da socialização de conhecimento técnico, teórico e histórico, com foco na experiência do teatro político e do vídeo popular. Outro objetivo central da Escola é articular a produção teatral e audiovisual às lutas sociais contemporâneas. Com esta iniciativa pretende-se retomar o debate e a prática da educação popular vinculada a métodos de trabalho de base e ao trabalho organizativo cultural, bem como fortalecer redes de intercâmbio e de circulação da produção cultural de movimentos sociais e coletivos artísticos em espaços comunitários, escolas, universidades e sindicatos.

## Experiências de referência

O primeiro módulo da ETPVP-DF teve como foco a socialização do conjunto de métodos e formas do Teatro do Oprimido, proposta elaborada por Augusto Boal como forma de resistência ao ciclo de ditaduras que se intensificava na América Latina nas décadas de 1960 e 1970. Foram estudados e praticados os exercícios e jogos do Teatro do Oprimido e as técnicas de Teatro Imagem, Teatro Invisível e Teatro Fórum.

Como método de trabalho, organizamos o processo de ensino e aprendizagem de modo que os estudantes da escola Escola tivessem acesso ao conhecimento histórico da origem das formas e métodos do teatro político; o conhecimento teórico, compreendendo o processo de formulação do teatro épico e dialético a partir das contradições e limites do drama, e o conhecimento metodológico visando a apropriação não apenas para o cultivo da prática de atuação mas, principalmente, para o trabalho de formadores.

Nesse sentido, as principais experiências de referência para o trabalho teatral da ETPVP-DF são: o teatro de agitação e propaganda (agitprop) soviético, desenvolvido no período anterior e nos anos seguintes do desfecho da Revolução Russa de 1917; a experiência dos movimentos que articularam educação, cultura e política na década de 1960, como o Movimento de Cultura Popular (MCP) de Pernambuco, que tem como principal desdobramento a criação da Pedagogia do Oprimido; os Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes e o trabalho do Teatro de Arena, dirigido por Augusto Boal; a experiência organizativa e estética dos coletivos de teatro político que se multiplicaram a partir da década de 1990, em São Paulo; e, por fim, o trabalho de socialização dos meios de produção da linguagem teatral empreendido por Augusto Boal e o Centro do Teatro do Oprimido para o MST a partir de 2001, que deu origem à Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré.

Os experimentos de democratização radical das dimensões da produção e fruição das linguagens artísticas ocorridos a partir da Revolução Russa foram marcados, de modo geral, por três características que se projetaram posteriormente como legado para outros movimentos e organizações ao longo do século XX: o empenho na socialização em larga escala dos meios de produção de todas as linguagens artísticas visando a formação de um público ativo que pudesse transpor a dimensão de consumidores para a condição de produtores; a articulação orgânica entre cultura e política, por meio da estratégia revolucionária de destruição das estruturas objetivas e subjetivas do poder político, cultural e econômico anterior, e a construção de uma nova organização social, em chave emancipatória; e o reconhecimento da experiência da classe trabalhadora, das questões do modo de vida, como ponto de partida primordial para o desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem conectados à realidade, às condições objetivas de cognição, e à motivação dos participantes das organizações sociais.

## **Contexto político e cultural atual**

A realidade cultural da capital do maior país da América Latina deixa a desejar em termos de quantidade e qualidade da produção artística existente, comparada a outras cidades do país, e de outras capitais latino-americanas, como Buenos Aires, capital argentina. Um dos índices da precariedade da vida cultural da capital brasileira é a quantidade de aparelhos oficiais fechados há anos: Teatro Nacional, Museu de Arte de Brasília, Espaço Cultural Renato Russo, entre outros.

Historicamente os governos do Distrito Federal foram suscetíveis às pressões e interesses da especulação imobiliária e da construção civil, e a dinâmica espacial do

Distrito Federal amarga um dos mais altos índices de segregação sócio-racial do país: nas regiões administrativas às margens do plano piloto estão as parcelas mais pobres da população, desassistidas de aparelhos culturais, com grande densidade de bares e igrejas, sem contar com cinemas, teatros e outras opções culturais.

O Estádio Nacional Mané Garrincha, implodido e reconstruído para a Copa do Mundo de 2014 ao custo astronômico de R\$ 1,4 bilhão (de acordo com o Ministério do Esporte) é símbolo do descompasso entre interesses políticos e demandas objetivas da população: o estádio mais caro da Copa do Mundo foi construído numa cidade cujo campeonato local de futebol é incapaz de levar público massivo aos estádios, e nenhum dos times do DF figura nas séries A e B do futebol brasileiro.

O cenário de desamparo institucional no âmbito cultural, de desarticulação entre o sistema de escolas públicas e a vida cultural, tem incentivado a população das regiões administrativas do DF a aumentar a quantidade de casas de cultura nas cidades, organizadas por movimentos sociais, associações comunitárias, e artistas, interessados em organizar e fortalecer espaços para a produção, fruição e circulação artística, e para a formação de público e de novos artistas. As casas de cultura têm funcionado como espaços de convergência da arte com a política, sediando cursos, oficinas, palestras, debates, além de saraus, cineclubes, festas, apresentações teatrais, exposições, etc.

A vida cultural do DF tem existido às margens dos ditames oficiais. O governo segue atendendo prioritariamente aos setores tradicionais da produção artística, financiando festivais, mostras e projetos de grupos e artistas que construíram um know-how profissional que lhes privilegia nas condições de disputa em editais públicos e nos acordos de gabinete, restringindo o fomento à produção cultural em um setor reduzido e especializado.

No âmbito nacional e latino-americano o cenário foi agravado com a queda de governos de centro-esquerda, e com a retomada de governos conservadores pautados pela concepção neoliberal do Estado mínimo. No Brasil o impeachment da presidenta Dilma Rousseff inaugura nova modalidade de golpe político há cinquenta e cinco anos do golpe militar-empresarial de 1964: o golpe parlamentar-midiático-jurídico-empresarial. O oligopólio dos meios de comunicação de massa foi decisivo para a insuflação do clima de ódio e intolerância disseminado no país contra as políticas sociais e contra a corrupção.

Diante dessa conjuntura regressiva, marcada pelo primeiro golpe de Estado do século XXI desfechado no Brasil, trabalhadores do teatro, do audiovisual e militantes de movimentos sociais de massa do campo e da cidade se viram confrontados: que fazer diante da conjuntura de retrocessos marcada pelas reformas neoliberais e autoritárias de governos como os de Temer no Brasil e Macri na Argentina?

O sentido de criar uma rede de Escolas de teatro político e vídeo popular parte do estudo e articulações alimentadas por experiências referenciais, que nos elucidam a pensar o que queremos, o método de ação, bem como quais os problemas e contradições podem surgir.

## Rearticulação da integração latino-americana

Ainda que os regimes autoritários das décadas de 1960 e 1970 na América Latina tenham atuado para destroçar o contexto democrático e de ampliação da rede de organização cultural da sociedade há memórias da resistência, como a consolidação da Frente de Trabalhadores da Cultura de Nuestra América, em 1974. Tratava-se de um projeto de integração continental que vinha sendo gestado desde 1968 em inúmeros encontros e festivais que promoviam espaços de articulação, reflexão crítica e troca de experiências entre grupos de teatro da Colômbia, Cuba, Argentina, Brasil, Uruguai, Chile, México, Equador, Venezuela, Porto Rico, Peru.

Augusto Boal, figura central nessa articulação, afirmava que o centro desse projeto revolucionário era a luta contra o “colonialismo cultural”. Seria preciso “a construção de uma nova relação com o público” (2017, p. 28) não mais visto como mero espectador, mas produtor de conhecimento, a partir de uma relação dialógica, problematizadora e crítica da realidade. Outro ponto fundamental era a socialização dos meios de produção, a partir do compartilhamento das técnicas e fomento à criação de grupos de teatro. Crescia entre eles o entendimento de que enquanto trabalhadores do teatro deveriam se integrar na luta de classes e se envolver diretamente com os movimentos sociais. A cultura era vista como meio de libertação dos povos, no processo de tomada de consciência. Buscaram atuar em unidade e criar uma estrutura organizativa, com espaços de formação, intercâmbio, seminários, fóruns e debates com toda uma dimensão programática capaz de intervir nas dinâmicas sociais (Estevam, 2017, p.27-39).

O processo da Frente de Trabalhadores da Cultura Nuestra América, enquanto existiu, foi pautado, sobretudo, por encontros em festivais organizados pelos grupos que integravam a rede e que promoviam apresentações e troca de informações sobre os processos criativos. O centro do processo atual com a ETPVP-DF é a formação política e estética, e não a produção de peças teatrais em si. A Escola não tem como objetivo montagens profissionais ao final de cada turma ou módulo. Há uma diferença entre o que é considerado o modo de trabalho dos grupos profissionais – que tem nas peças o resultado de seu trabalho coletivo e a forma como negociam sua sobrevivência – e o trabalho experimental da Escola com a construção de cenas em permanente processo de diálogo com as comunidades.

Nesse sentido, entendemos que um foco central de ação cultural da ETPVP-DF é no território em que seus participantes atuam potencializando as articulações, reflexões e intervenções em redes locais. Ao mesmo tempo procuramos promover espaços de encontro para aprofundar os debates sobre os processos das escolas (suas metodologias, vínculos com os movimentos sociais, conteúdo, formas de organização), bem como o objetivo de avançar na construção coletiva da Rede Internacional Teatro e Sociedade e na articulação entre as Escolas de Teatro Político e Vídeo Popular.

## Formação pela práxis

A “filosofia da práxis”, do jovem Marx, desenvolve a concepção da possibilidade da revolução enquanto forma da autoemancipação dos oprimidos, entendendo que a mudança das circunstâncias e a autotransformação dos seres humanos se dá ao mesmo tempo na práxis revolucionária. Em outras palavras é a ideia de que na luta pela transformação da sociedade, aqueles que lutam vão transformar ao mesmo tempo as circunstâncias materiais e a si mesmos, suas ideias e consciência. A emancipação não seria algo de cima para baixo, mas sim obra dos próprios trabalhadores, sendo, portanto, necessariamente um processo pedagógico de autolibertação. Somente a partir da autoemancipação seria possível construir uma nova consciência que fundamenta uma nova sociedade (Löwy, 2012).

Desse modo, a práxis é entendida como pensamento e ação, interpretação e transformação do mundo. Ela é necessária para superar a consciência comum (imediate, espontânea, irreflexiva, ingênua) ou idealista (abstrata, mistificada) do mundo e “ascender a um ponto de vista objetivo, científico a respeito da atividade prática” do ser humano (Vázquez, 2007, p. 8).

Partimos do entendimento que a práxis no sentido da autoemancipação da classe trabalhadora é atual e necessária, ainda que praticada em contextos contraditórios, que se querem revolucionários ao mesmo tempo em que recuperam perspectivas da mitologia burguesa que idealizam a vida política em uma esfera fora da realidade, à espera de um “salvador supremo”.

Paulo Freire, ao desenvolver a Pedagogia do Oprimido, afirma que para que haja uma mudança realmente revolucionária é preciso que os processos sejam realizados pela práxis, enquanto um constante devir é provocado pela ação e reflexão simultânea. No contexto da ETPVP-DF o ponto de vista que se referenda é o da práxis libertadora, reconhecida por Freire como o método dialético cujo objetivo é fomentar a luta contra as opressões em busca da liberdade. Esta luta se dá a partir do entendimento das circunstâncias sociais não como uma situação fatalista, mas sim como reflexo de uma conjuntura histórica. Por meio desta compreensão, a realidade torna-se não mais uma situação imutável, mas como algo passível de intervenção. A prática reflexiva pode levar os oprimidos à problematização da situação opressora para a recusa de modelos impostos, para a superação do estado de objetos, assumindo o de sujeitos de si e de seu pensar, enquanto sujeitos históricos. Neste sentido, a luta se dá como um processo educativo de libertação das opressões que degradam a condição humana e impossibilitam a constituição do ser no desenvolvimento de sua integralidade.

Diante do estado de exceção no qual o Brasil se encontra, a liberdade, como espelho oposto às opressões, retorna como um tema gerador e necessário para o trabalho de base. Por isso, as epistemologias da Pedagogia do Oprimido e do Teatro do Oprimido se mostram com grande potencial para as necessidades atuais. Tendo como base as perspectivas de educador-educando e educando-educador – que quebram com a lógica bancária das narrativas unidirecionais e ascendem a perspectiva dialógica, democrática e ativa dos processos – foi possível que, ao longo do primeiro módulo da ETPVP, os espaços de partilha provocassem a ebulição de temas geradores.

Por meio das trocas de vivências foram trazidas questões do contexto dos educandos-educadores ao grande círculo. As experiências expostas convergiram para a sintetização de três grandes grupos temáticos: i) feminismo versus machismo e patriarcado; ii) racismo e genocídio da juventude negra e iii) ascensão do fascismo. Estes temas foram base para o desenvolvimento de cenas do Teatro Fórum e Teatro Imagem ao longo do Tempo Escola. Durante o Tempo Comunidade as intervenções práticas e os estudos teóricos destes eixos foram intensificados, possibilitando acentuar a formação pela práxis no movimento de reflexão das experiências práticas.

Do ponto de vista metodológico, buscamos organizar a articulação dialética entre reflexão e ação ao longo do primeiro módulo da ETPVP-DF, intercalando estudos teóricos e históricos sobre temas como métodos de trabalho de base e educação popular, processos organizativos do teatro político, teatro na comunidade, cultura e políticas culturais, além da dinâmica de formação prática e técnica em temas como corpo e voz em movimento no teatro e oficinas para construção de intervenções a partir do conhecimento das formas do teatro político.

Além disso, organizamos o cronograma de modo que cerca de dois terços das aulas fossem abertas para o público em geral, com debates sobre a conjuntura da América Latina, sobre o legado estético e político da Revolução Russa na ocasião da comemoração do centenário, sobre a história e desafios do teatro político no DF, e recebemos coletivos de teatro e de audiovisual para exibição e debate de seus trabalhos. O objetivo foi articular o debate sobre condições de produção, formas organizativas dos coletivos e suas opções estéticas e políticas, a relação estabelecida com as comunidades e territórios, bem como potencializar o processo de ensino e aprendizagem dos meios de produção simbólicos para que os educandos da turma pudessem ampliar o repertório de conhecimentos teóricos e técnicos sobre as formas do teatro político e do vídeo popular.

## **Pedagogia da Alternância**

Na França, em 1935, foi inaugurada a pedagogia da alternância em áreas rurais. No Brasil começou a ser debatida em meados do século XX, por educadores, comunidades e movimentos sociais, como uma alternativa para fortalecer a educação no campo, de acordo com as necessidades específicas das comunidades camponesas e dos trabalhadores rurais. As experiências da pedagogia da alternância dialogam com as perspectivas Freirianas que são bases para a educação do campo (Rodrigues, Hammermüller; 2015). Perspectivas essas que possuem a intencionalidade de formar integralmente os sujeitos, de maneira dialógica e crítica, respeitando contextos sociais e culturais. Em 1969 ela foi aplicada pela primeira vez no Brasil, no estado do Espírito Santo. A partir de então, esta pedagogia tem se mostrado como um sólido e frutífero campo de experimentação para uma educação libertária.

A pedagogia da alternância consiste na interação entre teoria e prática, em que é destinado um tempo de estudo formalizado, com a atuação de educadores, e outro tempo em que os educandos operam nos territórios e comunidades. Este forma-

to educacional promove diversas alternâncias que acontecem entre as instituições envolvidas, os sujeitos e os conhecimentos, superando a compreensão de uma pedagogia que se resume a alternar o Tempo Escola e o Tempo Comunidade (Detogni, Zancanella; 2016).

A ETPVP inova ao propor a pedagogia da alternância para o contexto de áreas urbanas, considerando o território de atuação e articulação dos educandos. As cenas construídas ao longo do Tempo Escola, no Tempo Comunidade passaram por momentos de aprimoramento, circulação e formação. Para o aprimoramento das intervenções, o estudo das temáticas abordadas é fundamental. O entendimento de que os experimentos desenvolvidos são repertório da Escola e que qualquer um que tenha interesse e disponibilidade pode entrar em cena deu sentido à importância da escrita e registro em vídeo das cenas no Tempo Comunidade. Mas é na circulação das cenas que se dá a experimentação dos educandos enquanto multiplicadores e formadores, lidando com desafios teóricos e práticos. A partir das experiências do Tempo Comunidade do primeiro módulo percebemos significativas potencialidades.

## **Práxis no Tempo Comunidade**

As ações no Tempo Comunidade são diversas, com estudos e registros para aprimoramento das cenas e de respostas às saídas das situações de opressão apresentadas, oficinas de teatro político, ações de Teatro Fórum com apresentação das cenas criadas, e ações de agitprop se posicionando frente às questões políticas das lutas contemporâneas.

O grupo que tem como foco de estudo o fascismo, por exemplo, realizou, no mês de dezembro de 2017, duas intervenções de Teatro Fórum. As cenas foram construídas e debatidas ao longo do Tempo Escola e uma das principais metas do grupo para o Tempo Comunidade era experimentá-las na prática. Em síntese, a cena retrata a situação de uma professora que é fotografada com sua companheira em um local público. Esta foto é compartilhada entre os grupos de pais que decidem pressionar a direção a afastar a professora. A direção, com uma postura de tentar manter o status quo da escola, procura a professora para convencê-la a pedir afastamento do colégio. Apesar dos argumentos da professora, contrários aos da diretora, e do apoio de uma colega de trabalho, a oprimida acaba aceitando o afastamento para evitar penalidades maiores. Neste momento a figura do curinga convida a assembleia a identificar os elementos da cena e propõe a reflexão sobre quais outras saídas seriam possíveis para aquela situação. Aos que apresentam soluções o curinga propõe que sejam feitas intervenções em cena. Estas, por sua vez, até o momento variaram entre as seguintes propostas: de um levante dos estudantes a favor da professora; dos pais dos alunos que pediam a saída da professora ouvirem o que seus filhos achavam da professora; da professora ser contrária ao afastamento e buscar apoio do sindicato para lhe ajudar juridicamente; de convocar a mídia para ouvir as partes e, de certo modo, expor a postura conservadora da direção da escola.

A ação foi realizada externamente pela primeira vez na Escola Parque da Natureza de Brazlândia, com as alunas e os alunos dos 8º e 9º anos. Após a realização da ação o grupo se reuniu para tecer breves reflexões em relação à experiência do dia e deliberar para as próximas ações. A intervenção seguinte foi no Centro Educacional

São Francisco, em São Sebastião, durante a programação do IV Festival de Cinema – Chica de Ouro. A partir das observações realizadas na primeira ação esta segunda prática já possibilitou outro posicionamento do coringa e maior diversidade de experimentação cênica. Assim como na primeira oportunidade, após a intervenção foi feita a reunião de avaliação do dia. Destas reflexões foram construídos boletins para circulação interna da turma e compartilhamento das experiências.

Uma das características dos coletivos de teatro político é estar pronto para agir a qualquer momento, com rápida capacidade de planejamento, ensaio, intervenção e avaliação.

No final de 2017 o governo de Michel Temer jogou toda energia na votação da reforma da previdência. Militantes do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) iniciaram uma greve de fome contra a reforma. Apesar de estarem no Congresso Nacional a mídia empresarial não deu visibilidade ao fato. Considerando seu objetivo de articular a produção cultural às lutas sociais, a ETPVP-DF decidiu realizar uma intervenção de agitprop contra a reforma e em apoio à greve de fome. Um grupo de três mulheres e dois homens construiu e ensaiou a intervenção duas horas antes de sua realização. Foram ao Congresso Nacional, conseguiram furar o bloqueio da Polícia Legislativa e iniciaram a intervenção no Salão Verde. Três mulheres e um homem que representavam os trabalhadores tinham suas mãos presas em uma “corda-corrente” e seguravam suas carteiras de trabalho. Havia sido capturados e estavam sendo puxados por um homem vestido de terno e gravata que representava um deputado defensor dos interesses capitalistas. Tinham sido capturados por estarem falando “mentiras” sobre a reforma da previdência. O deputado anunciava as “verdadeiras” vantagens com a reforma e os trabalhadores desmentiam trazendo dados e informações sobre as inverdades anunciadas. Pega de surpresa a mídia filmou e fotografou, e com isso resguardou o grupo, que saiu em cortejo até o local em que estavam os grevistas, arrastando seguranças, políticos, jornalistas e curiosos. Diante da dificuldade de o governo conseguir apoio dos aliados, visto que na época as eleições estavam se aproximando, mas, sobretudo, por força da luta popular a votação da reforma foi adiada.

## Considerações finais

O volume de ações em andamento pelos grupos das cenas sobre fascismo, racismo e genocídio da população negra, e a luta feminista contra o patriarcado surpreendeu ao conjunto da turma e à coordenação da ETPVP, em função da capilaridade que o trabalho em processo dos coletivos teve em diversos espaços. Entre novembro de 2017 e janeiro de 2018 a ETPVP do DF desenvolveu ações nas seguintes cidades e espaços: em Brazlândia, na Escola Parque da Natureza (EPNBraz); Cavalcante (GO) e Unai (MG) em seminários de Tempo Comunidade da Licenciatura da Educação do Campo; no Centro Educacional São Francisco, em São Sebastião; e no plano piloto, com intervenções no Congresso Nacional, no Shopping Pátio Brasil, em uma das sedes do Banco do Brasil e com oficina no Instituto de Estudos Socioeconômicas (Inesc) para estudantes de diferentes regiões do DF.

Para consolidar a ETPVP-DF avaliamos que será fundamental fortalecer e estabilizar um circuito de circulação e formação a partir da produção teatral e audiovisual dos grupos constituídos internamente à turma da Escola e dos coletivos articulados à mesma, como a Cia Burlesca, que tem atuado ativamente no fortalecimento da interlocução da produção do teatro político com movimentos sociais, estudantes, escolas públicas e casas de cultura. Além disso, em articulação com as demais escolas e coletivos integrantes da Rede Teatro e Sociedade, a ETPVP-DF investe na recepção de coletivos de teatro político e vídeo popular parceiros, como a Cia Estudo de Cena (SP) que esteve em Brasília e Planaltina entre 23 e 26 de outubro de 2017, o Coletivo Tela Suja (SP) que exibiu e debateu o filme “Sem Raiz” no primeiro módulo, e o Coletivo Fuzuê (MG) que nos acompanhou em seminário de Tempo Comunidade em Cavalcante e se apresentou em Planaltina e Brasília em novembro. Nos três casos, o intercâmbio se pautou pelo debate sobre formas organizativas, processos de produção e resultados estéticos do trabalho enquanto meio de formação e comunicação.

Outro desafio é o estabelecimento da relação produtiva entre o trabalho com as linguagens teatral e audiovisual de forma que a linguagem do vídeo não seja compreendida como mero acessório de registro da cena, nem tão pouco que o trabalho teatral seja subsumido pela estética audiovisual se tornando o suporte para a atuação em outra linguagem. A construção de uma metodologia de apropriação de conhecimentos básicos de ambas as linguagens, articulada com momentos de experimentação em espaços públicos, por meio da apresentação de cenas ou da realização de intervenções de agitprop tem sido o caminho vislumbrado pela ETPVP-DF para intensificar o processo de ensino e aprendizagem pautado pela dimensão da práxis.

## Referências

- DETOGNI, A. A., & ZANCANELLA, Y. Casa Familiar Rural de Coronel Vivida-PR: desafios da formação continuada em Pedagogia da Alternância. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 1, n. 1, 2016, p. 47-70.
- ESTEVAM, Douglas. Augusto Boal e o Teatro de Nuestra América. In: Coletivo Terra em Cena (org.) *Apostila do 1o módulo da ETPVP*. Brasília: UnB, 2017.
- LÖWY, M. A teoria da revolução no jovem Marx. São Paulo: Boitempo, 2012.
- ROCHA, Eliene Novaes [et al]. *Teatro Político, formação e organização social: avanços, limites e desafios da experiência dos anos 1980 ao tempo presente*. São Paulo: Outras Expressões, 2015.
- RODRIGUES, Márcia Aparecida Pereira; Hamermüller, Douglas Hertz; *Pedagogia da Alternância, uma metodologia voltada para a educação do campo: sua importância nas casas familiares rurais*, 2016.
- VÁZQUES, Adolfo Sánches. *Filosofia da práxis*. 1. ed. Buenos Aires: São Paulo: Expressão Popular, 2007.

## Sugestão de leitura

COSTA, Iná; ESTEVAM, Douglas; BOAS, Rafael Villas. *Agitprop: cultura política*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: a Civilização Brasileira, 1991.

BOAL, Julian. Sob antigas formas em novos tempos: o Teatro do Oprimido entre “ensaio da revolução” e adestramento interativo das vítimas. Tese de doutorado defendida no PPG da Escola de Serviço Social da UFRJ. Rio de Janeiro, 2017.

COSTA, Iná Camargo. *Nem uma lágrima: teatro épico em perspectiva dialética*. São Paulo: Expressão Popular Nanquim, 2012.

COSTA, Iná Camargo. Do agitprop ao Teatro do Oprimido. In: Coletivo Terra em Cena (org.) *Apostila do 1o módulo da ETPVP*. Brasília: UnB, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin. Relatório do Pós-doutorado no PPG em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo. Expressões contra-hegemônicas da cultura política em dois tempos históricos: TEN, MCP, CPC e MST. Marcas do trauma, legado e perspectivas contemporâneas, 2017.

Recebido em: 15/11/2018

Aprovado em: 10/02/2019